

VVAA, *Utopia e Espiritualidade*, Cadernos de Literatura Comparada, 19

Sob o título *Utopia e Espiritualidade*, publica o instituto de Literatura Comparada da Faculdade de Letras, um conjunto de estudos, actas dum colóquio efectuado nos dias 17 e 18 de Outubro de 2008, levado a cabo por este Instituto e a Fundação SPES. O programa do colóquio, segundo lemos na apresentação, integrava um painel temático sobre D. António, que não foi contudo possível reproduzir neste volume, uma vez que nem todos os palestrantes disponibilizaram os textos para publicação.

Assim mesmo ao lado de textos sobre o Código Bíblico da Utopia de José Eduardo Reis, ou o Espaço do Sagrado de Paulo Telles de Lemos, ou ainda da reflexão sobre a utopia em Agostinho da Silva, surgem dois textos sobre D. António Ferreira Gomes, um da autoria de Pedro Villas Boas Tavares, intitulado "A Utopia" de D. António Ferreira Gomes e outro de Maria Luísa Malato Borrvalho, intitulado "O Herói, o Santo e o Poeta. Reflexões sobre um diálogo entre D. António Ferreira Gomes e Sophia de Mello Breyner Andersen".

O ensaio de José Eduardo Reis que abre este volume parte da tese de Northrop Frye, segundo a qual a Bíblia é o grande código da literatura ocidental e "representa o modo utópico de representar ideológica e textualmente o mundo".

O texto de Pedro Villas Boas considera, com toda a razão, que o pensamento de D. António não deve ser considerado como um pensamento utópico, se tomarmos esta palavra no sentido vulgar em termos de formas fora do lugar e do tempo, sem realismo, e fora do princípio esperança-encarnação.

De facto, talvez fosse útil num encontro inter-disciplinar deste género fazer algumas distinções entre utopia, escatologia, profecia e apocalíptica e também, quando se fala de Ernst Bloch ou se diz que a Bíblia é um código de representações que acompanha todo o Ocidente a par talvez de Homero, afirmar que na Bíblia há vários códigos e neles o da Utopia messiânica que origina a esperança, e tem pouco a ver com esperanças "a-tópicas", que não raro, por isso, são chamadas utópicas.

A utopia de D. António Ferreira Gomes, como mostra Luísa Malato era de facto muito tópica, por implicar uma radicalização do princípio esperança, situando-o fora da "verdade curva" em que as utopias laicas normalmente o perdem, fazendo-o avançar para uma abertura radical ao transcendente e ao justo.

Por estes dois autores passa, de facto uma boa individualização da utopia do autor em causa, numa colectânea, de resto, cheia de interesse.

Arnaldo de Pinho